

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

SÓFFRENDO

Eu conheço muito bem as pessoas de quem vou falar. Dignas e intelligentes o seu patrimonio é o soffrimento.

A vi-la tem estas extravagancias: parece que é necessario não pertencer ao numero dos bons para se en-ontrar a felicidade.

Os nomes não vem ao caso imaginem o que quizerem: supponham mesmo que são formosos, que veem sorrir um futuro, que não tem motivo para viverem desgostosos. Eu mesmo acredito piamente que tudo isto é verdade; mas julgam-se desgraçados e a essas almas impressionaveis é o sufficiente para viverem angustia los.

E o desgosto é o mal mais difficil de curar, principalmente quando o desgosto se quer viver.

Eu se fosse medico, que o não sou, havia d'empregar para curar estas doengas, o remedio que um dos *desgostosos* emprega para curar a cabulice—a palmatoria. É o remedio talvez pro luzisse effeigo salutar, e não havia os inconvenientes da portaria do ministro do reino, a qual não abrange os medicos. Só os mestres de meninos é que se sujeitam ás penas da lei.

Mas vamos ao conto.

Um bello dia, não sei quando, conheceram-se e, ou por sympathia, ou por outra causa qualquer, fallaram, conviveram: d'esta convivencia originou-se para um o amor, para outra a amizade—supponho que era isso.

O amor é tímido, dizem os entendidos, a amizade expansiva, posso eu affirmal-o. Elle nunca lhe disse que a amava, ella nem sequer o suspeitou. Era uma cotovia que ria e cantava como uma cigarra em noites estivaes e elle era, sentio feliz, ao menos contente com a alegria doudejar-te da sua amada. É que a alegria é communicativa, como o é egualmente o soffrimento.

Passaram-se mezes, e talvez annos, e assim viviam, fallan lo, rindo e folgan lo um sem se manifestar, outra sem sequer ter desconfiança do sentimento que havia feito despontar.

Um dia ella entristeceu-se, as cores vivas da

rosa incarnada foram substitui-las pela cor amarelenta das camelias emmurechecidas, já não se ouvia cantar, nem as suas argentinas gargalhadas faziam inveja ao canto d'um melro que nas manhãs de primavera a desafiava a um certamen vocal. Soffria. Mas qual era o seu soffrimento? E o que elle não sabia e que procurava saber.

Melhor o não tivesse sabido, porque sem a curar, foi tambem victima do mesmo mal, principiou a soffrer, não digo bem, continuou a soffrer e soffrer horrorosamente porque era dupla a causa—via desfeitas as suas illusões e não achava meios para a consolar.

Ora eu que me honro com a amizade d'ambos vim a saber as suas penas pelas cartas cujo resumo passo a expor. Elles hão de me perdoar o responder-lhes d'esta forma. É que o caso presta-se a chronica e d'uma cajadada mato tres coelhos—respondo a ambos e satisfação o reflector, cá do jornal, que me apoquentava por uma chronica.

Elle dizia-me

«Estou desesperado. Sabes que amava com todo o ardor a.... Nunca lhe havia declarado o meu amor, mas vivia na esperanza de que um dia havia de ser comprehendido. E fui-o; mas tão desastradamente que fiquei peor do que estava. Achei-a triste, quiz saber a causa:—Amava e vivia triste e amargurada, porque o seu primeiro amor, puro como uma alvorada d'abril, havia sido regeitado, não tinha sido comprehendida a sublimidade do affecto que lhe enchia o coração, haviam mesmo zombado d'esse sentimento que era a sua vida. E o que ella amava era um valdevinos para quem não havia sentimentos nobres, nem delicacões singeras. Francamente julguei-o como o devia julgar, porque é indigno brincar com o coração d'uma joven que, por sua desgraça, um dia nos ficou e nos ficou amante. Suppõe o que lhe poderia dizer, e que conselhos lhe poderia dar—se e que eu precisava d'elles tanto, se não mais do que ella.—Eis o motivo porque venho depositar no teu coração esta dor que me atormenta.....»



JOÃO CARLOS COELHO DA CRUZ.

A LAGRIMA

Ella... «Com o coração compungido, sangrando, escrevo-lhe hoje. Para mim a vida é um fardo bem pesado, estou resolvida a procurar o remedio unico para o mal que me devora. O suicidio é um bem quando não somos comprehendidos, quando mesmo fazem do nosso amor um motivo de escarneo. Ora não lhe parece que tenho razão?.....»

Ao primeiro—Vae soffren-lo porque o soffrimento ainda é uma esperanza. Se fosse teu medico já sabes o remedio que te applicava—systhema homeopatico. *similia similibus curantur*—dava-te uma boa dose de palmatoadas e esse soffrimento talvez te curasse de vez.—É o que sinto. Para ti não pode haver já felicidade.

À segunda.

Não sei como principiar. V. Ex.^a não tem razão. O facto de não ser comprehendida é trivialissimo, o que não é muito trivial, mas essencialmente infame é o procedimento do individuo que não podendo retribuir um affecto nobre e elevado, ainda d'elle zomba; no entanto o maior castigo que pode infligir—e a vingança é o prazer dos deuses—é dal-o ao desprezo, no que já lhe fará muito favor. Creia-me V. Ex.^a a vida não é sempre sombras, nem sempre luz; é um quadro onde se desenrolam os mais surprehendedes e menos esperados cambiantes.

O soffrimento d'hoje, será a alegria d'amanhã, o que agora nos faz desesperar é simplesmente uma lição para o futuro. Só das almas pequenas e ignorantes é o desespero.

V. Ex.^a, fago-lhe justiça, é muito intelligente para ligar a um facto como este a importancia que lhe quer ligar. Desprezo e só desprezo é a retribuição que lhe deve.

E quando ahí for conversaremos mais detidamente.

M. ARIO.

MARIA DO CARMO RODRIGUES

Eu vi-lhe o enterro.

Os sinos gemiam estrophes tristes, monotonas, dolorosas como muzica feita de soluços. Tudo era sereno; nem uma aragem, nem um gorgoejo. Um ponto de fogo, abrasado em nuaguas, espalhava pualha d'oiro ardente sobre as coisas e pelo infinito.

E a porta da egreja gollava, silenciosa, muda, manadas de gente, quasi tudo raparigas novas, que, olhos fitos no caixão, n'uma soledade immensa choravam baixinho como que tendo medo de acordar a Virgem.

Eu conhecia-a pequenina, descalça entre o chilrear das creanças, toda abeberada no folgar da infancia.

Depois, crescera, toda ella n'uma sãle d'ambigões de saber. Era boa, intelligente e virtuosa, devia fazer o ultimo anno para cursar a escola Normal.

Desenove annos! Arrebita-la como os myosotis pelas grandes cheias; crestada a vida como um lyrio fanado ao sol!

Eu vi-lhe o enterro.

Homens rudes a chorar marmurran lo—pobresita!

É o cortejo, lá desfilava ao sabor d'uma marcha funebre.

Uma creancita loira—a gentil Margarida—sobragando uma corôa de violetas brancas, symbolo das almas candidas, em seu nome e no das condiscipulas, enastava no prestito a lembrança d'uma saudade infinita.

A ultima vontade que expressou no momento da sua morte, foi a seguinte:

—«*Legy á minha sobrinhita, todos os meus livros, para que estude, e seja aquillo que a Morte me não deixou ser.*»

Disse-se que morrera tranquilla como nas lendas morriam as santas.

Os sinos calaram-se, a muzica psalmodicava cadencias melanolicas, e o enterro suu-se lonze como uma nave de tristeza que a Dor azossassa!

Disse-lhe a leus. . .

A.

Era todo de festa, alegria, pandega e bambocêta o rucho de rapazes e raparigas da Fonte de Baixo a caminho de Gallégos para trazerem murta para as cordas que ligando entre si os postes embandeirados serviam tambem de suspensão ás gambiarras dos copinhos multicolores nos festejos que aquelle bairro dedicou a S. João em dia de S. Pedro.

Entre ditos joviaes como a primavera dos annos das esbeltas moças, que em quadras dirigidas ao santo Precursor lhe diziam claramente os seus desejos

Dai-me noivo, oh! S. João

Dae-me noivo, quero casar!

não se lembraram de fazer o seu farnel para qualquer eventualidade, e tambem, valha a verdade, o entusiasmo dos folguedos tira a vontade de comer. Pois apesar d'estes principios philosophicos a paginas tintas a veia poetica afrouxou, os ditos escazeiraram e o afan com que cortavam a murta diminuiu. Os corpos com a caminhada estavam imudados em suor, as romãs dos rostos foram-se sumindo e appareceu a cor livida das ameixas de esganação e uma sensação dolorosa partindo do estomago tornava-lhes os membros lassos, a cabeça pesada e a vista tremula. Era a fome que invadia aquelles corpos ainda ha pouco rijos como um porco. Que fazer? Ir comprar que comer e que beber. Mas onde e com que, se não havia tasca nem dinheiro? Resolução heroica. Pedir broa aos lavrado-

A LAGRIMA

res. E isso fizeram de porta em porta, e foi o que lhes valeu.

Ora como ninguem pode pedir esmolas no concelho sem andar *chapado*, pedimos ao sr. administrador para os mandar *chamar*, a ellas pela frente, e a elles pela rearguarda.

Publicamos hoje, na primeira pagina, uma photographura do sr. João Carlos Coelho da Cruz, presidente da Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos.

Foi das novos, no nosso commercio, o preferido para exercer tão importante cargo.

E' um rapaz intelligente e estuioso.

Trata, elle, presente noute, de conseguir o encerramento das lojas ao domingo.

A ideia é boa.

Tem raiz no mais profundo ideal sociologico.

E porque não?

A civilisação caminha, guiada pela luz da razão.

Precisa-se da liberdade, que tem por principio o direito.

Caminhar! Eis o grito da sentinella do progresso.

Attenda-a é um dever. Acatal-a é uma necessidade.

A boa vontade do sr. João Carlos deve ser coroada de bom exito.

Tem o nosso amigo fê, quem tem fê, erê; os que erêm não desanimam, porque o desanimo é proprio dos fracos.

Hade ter muito Himalaya de difficuldades a transpor.

Reagir por um ideal, novo para uma terra, e quasi o mesmo que apregoar uma philosophia — unica...

«Jornal de Melgaço»

A questôo é velha.

O dr. Julio de Miranda publicara na «Lagrima» umas «Divagações» sobre a Muzica.

Houve muitos coll'gas que as transerêveram, acompanhando-as de palavras justicêiramente elogiosas. O trabalho éra de finas mãos, mimoso e profundo.

Muito bom.

... E não bom que um abbade, lá das terras onde a neve é dura e o lobo niva, as ostendeu no «Jornal de Melgaço» pondo o seu nome por baixo, em substituição do que estava, *naturalmente* como indicando *approvaçôo*.

Nós, no meio da exaltação, leviana, de momento, calámos-lhe sobre o hombro, escarrapanchados, gritando:—«Fuja que ali vem um policia».

Parece que a aspereza das nossas palavras sensibilisara o digno redactor do periodico de que se trata, que de nada sabia, porque nos recomendará, immediatamente, o «Codigo do Bom Tom».

Aqui o rubor subiu-nos, de prompto, ás faces, achavamo-nos sem os nossos haveres, as porcas da dignidade arrombadas e então, como recurso dos *atruvados* por uma dor, chamamos-lhe a attenção do «Codigo Civil».

Terminara a questôo.

Ultimamente appareceu-nos, novamente, o collega do «Jornal de Melgaço», bem vestido, correcto, a dizer que enviou, intactos, os epithetos, —que em tempo lhe dirigimos— ao abbade, José do Telhado, da prosa do dr. Julio de Miranda, como o culpado.

... Que o abbade apres entou-se um rouba-dor honrado, com as suas iniçias de cara.

BOLETIM DO PASMATORIO DA CALÇADA

De revolver em punho, e na exaltação alcoolica do verdaseo do Vinagre, dizia um pandego, em seguida a uma contenda.

—Eu ainda tenho cinco mãos!!...

Que por ali ha muita gente que tem quatro mãos ou quatro pés, sabemos nós, mas com cinco mãos é exemplar unico e é pena perder-se tal raridade.

Fallava-se de idades, e notava-se o caso de algumas pessoas bastante idosas e bem conservadas, pondo-se em relevo a boa constituição das razas antigas e a corrupção das gerações modernas.

—E é isso verdade, diz um antigo vereador da nossa *câmara*. Ha ali um individuo que tem 90 annos e está *moralmente* forte; trabalha um dia todo, se for preciso, de manhã até á noite, e não corecova.

Os srs. sabem dizer-nos quem será esse Mathusálem barcellense?

No mesmo grupo.

—Então o governo mandou o Gungunhana para uma ilha no meio do mar?

Alguem notando o pleonasmo teve a seguinte resposta:

—Sim, senhor, é preciso dizer no meio do mar porque no Porto ha muitas ilhas e o Porto não é o mar.

Parece do Silva, mas não é.

Falla-se d'un sujeito pouco escrupuloso na linguagem, e que até diante de senhoras costumava dizer a sua inconveniencia.

O Domingos Vinagre defendeu-o assim:

—Olhos castos não teem ouvidos.

Outra:

O Vinagre foi d'uma vez a casa d'umas pessoas de suas relações.

RECLAMOS ILLUSTRADOS

A 300 reis por n.º publicam-se na «Lagrima», o periodico mais lido de Barcellos.

A LAGRIMA

A dona veio abrir-lhe a porta: Trazia um castiçal na mão.

A luz fez-lhe impressão, porque ia um pouco acimado.

Deu a ponta-pé no castiçal: Está desajustado e tudo ficou ás escuras:

Procuraram o castiçal, mas não o encontraram.

No dia seguinte voltou lá a pedir des tilpa. Ainda não tinha apparecido o castiçal.

O Vinagre olha para o tecto da casa, e vê lá o castiçal preso.

Tiram-no e então comprehenderam tudo.

O castiçal tinha muito sebo derretido, e quando o Vinagre lhé deu o pontapé, bateu no tecto, adheriu e ficou collado.

Declaração

«Nós, abaixo assignados, vogaes em exercicio da Câmara Municipal d'Espozende, e, que, é o numero constituimos a maioria da mesma Camara, declaramos que um telegramma publicado no «P. de Janeiro» em 28 de junho, passado, em que se diz que—o presidente temendo á derrota fugiu—é verdadeiro.

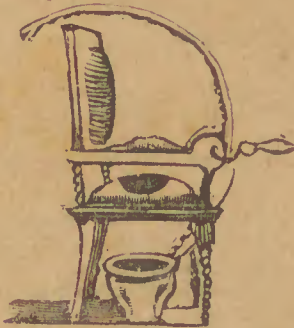
Egualmente declaramos que retiramos ao sr. dr. Vasquinho o voto de confiança e que não reconhecemos n'elle auctoridade alguma politica.

Espozende, 30 de junho de 1896.

Os vogaes da Camara—José Maria Soares Estanislau, José Francisco Bellinho, Joaquim Fernandes Patusco Junior e Manoel de Jesus Gonçalves Patrão.»

Isto é de lhe dizer: «Dr. Vasquinho: pela maneira valente e valorosa como foste, em tempo, progressista, foste, agora, regenerador. Por tua alma politica—P. N. e A. M.»

A Camara de Espozende, para assignar a passagem de tão illustre varão, medico, nas cadeiras do Municipio, deve mandar construir sentinas do modelo, que copiamos:



O individuo depois de ter feito n'ellas as suas necessidades, para não soffrer mau cheiro, tange uma antella, que tem ao seu lado, dando em resultado subir, engonhosamente, o penico, que a gravura

deixa vertical á cabeçã, dando, diâdi mais, o resultado d'um chapéo de sol:



Quem recebe um cão para pagar outro, com quantos fica? Naturalmente to los respõdem—com um: Pois nós affirmamos—com dois. Querem ver como?

Uns pobres diabos, actores ambulantes, que n'estes mezes de calor enxameiam as terras de provincia vieram impulsionados por um pontapé do Acaso alojar-se no hotel Roriz. A sua bigagem era tão grande como o valor dos magros cobres, que se porliam nos seus bolsos, umas pequenas sacas com roupa. Comeram e beberam, e como uma pessoa tem a mania de representar o contrario do que realmente é, pediram do bom e do melhor e em farta abastança. Socegado o estomago trataram de se informar, dirigiu-lo-se para isso a um individuo, que é a *pedra de toque* de toda essa gente que por ahí apparece, do rendimento e despezas do theatro. Aconselha los a que se ria melhor retirar-se porque os lucros seriam negativos, por varias razões todas de forga, sendo a principal a falta de espectadores, responderam.

—Mas como, se o dinheiro que temos não nos chega para pagar os bilhetes do comboio, e ainda mais a despeza feita no hotel?

—Para o comboio aqui tem (e umas moedas acompanharam estas palavras), e com respeito ao hotel, arranjem-se como puderem.

Chegar los ao hotel, prenderam ao escuro: um cão vadio, que tinham arrastado na rua, a uma perna d'uma meza, pegaram nas saquitas de roupa e chamando a sr.^a D. Quitaria disseram-lhe—Já temos tu lo prompto, vamos para o theatro fazer ensaio para o que levamos esta roupa, e d'aqui a bocado mandamos buscar este cão que tambem entra em scena.

Ella tãta prazenteira—Sim, senhores.

Elles seguiram no primeiro comboio, e no hotel ficaram dois cães e não um.

Responsavel:—João G. da Silva

BRANCO E NEGRO

Revista litteraria modernamente illustrada.
Cada numero, semanal, de 16 pag. custa 40 rs.
Assigna-se na alfaiataria do Gato.